

“Nenhum país fez acordo tão inovador”

por Eugênia Lopes
de Brasília

Em um pronunciamento de cerca de dez minutos em cadeia nacional de rádio e televisão, o presidente Fernando Collor de Mello comemorou ontem o acordo em princípio com os bancos privados internacionais para renegociação da dívida externa brasileira. “O acordo que o Brasil concluiu hoje com os bancos comerciais põe um ponto final na longa e penosa novela das nossas relações com a comunidade financeira internacional”, assinalou Collor. “Até hoje nenhum outro país havia negociado um acordo tão inovador.”

Bastante didático, o presidente Collor explicou as linhas gerais do acordo à população, ressaltando que as condições obtidas pelo Brasil foram as melhores possíveis. “São trinta anos de tranquilidade na área cambial, com uma vantagem adicional: só teremos que pagar os juros, pois 100% do principal devido no fim daquele período será saldado por meio da entrega dos próprios títulos que agora estão sendo oferecidos como garantia”, observou.

Collor lembrou que, antes do fechamento do acordo, o Brasil já estava retornando ao cenário internacional de créditos, enquanto em 1990 os recursos que vieram do exterior foram de US\$ 5,3 bilhões; em 1991, saltaram para US\$ 11,6 bilhões e, em 1992, nos primeiros quatro meses, já chegaram a US\$ 6,2 bilhões. “Depois do acordo, esse número vai crescer ainda mais, o que significa novos investimentos, novos empregos e, portanto, mais desenvolvimento”, avaliou Collor.

Ao elogiar o acordo, o presidente da República também enfatizou a necessidade da reforma fiscal, que no próximo dia 14 irá para apreciação do Congresso Nacional. “O próximo grande passo é o ajuste fiscal, que vai dar um novo impulso para o crescimento econômico e permitir que o Estado cumpra sua função de servir ao povo da forma mais eficaz e corre-



Fernando Collor
de Mello

ta”, afirmou, argumentando que “com confiança e muito trabalho”, o Brasil irá superar a atual crise política “com que alguns pretenderam imobilizar o governo e não conseguiram, nem irão conseguir”.

Esta é a íntegra do discurso do presidente Fernando Collor de Mello a respeito do acordo da dívida externa fechado ontem com o Comitê Assessor de Bancos:

Minha gente,
Boa noite.

Venho hoje aos lares brasileiros com boas notícias.

Finalmente, depois de várias tentativas, de vários anos de trabalho, o Brasil chegou a um acordo com os bancos comerciais estrangeiros, a quem devemos quase a metade de nossa dívida externa, cujo total alcança 120 bilhões de dólares.

Foi um bom acordo, negociado de forma digna e soberana, seguindo sempre a vontade dos representantes do povo, como manda nossa Constituição.

Você trabalhador, a Senhora, Dona de Casa, poderá estar-se perguntando, neste momento, qual a importância dessa notícia que estou dando; qual o efeito que um acordo tão difícil e técnico, aparentemente distante, pode ter sobre sua vida no dia-a-dia.

Pois bem, minha gente, o acordo que o Brasil concluiu hoje com os bancos comerciais põe um ponto final na longa e penosa novela das nossas relações com a comunidade financeira internacional.

É como se levantássemos uma hipoteca, um fardo que desde 1982 vem pesando sobre o Brasil.

Ganhamos liberdade, possibilidades renovadas de uma atuação econômica mais eficaz.

Nesses últimos anos, não tínhamos um acerto para cumprir e superar os compromissos da dívida e isso trazia efeitos muito negativos.

Nossa credibilidade internacional estava abalada e nossa capacidade de obter recursos externos para voltar a crescer estava prejudicada.

Além disso, como as negociações anteriores eram sempre parciais, e muitas vezes impossíveis de cumprir, as pressões externas se multiplicavam, impedindo que as decisões de política interna encontrassem uma situação internacional positiva para o País.

Isto significava dificuldades para uma execução adequada das políticas fiscal e monetária, realimentando a inflação, afugentando novos investimentos, o que tornava a crise econômica ainda mais dramática e a possibilidade de saldar a própria dívida externa ainda mais remota.

Era um círculo vicioso que precisava ser definitivamente rompido, porque isso acabou enfraquecendo a capacidade de o Estado investir naquelas áreas em que seu papel é insubstituível, como saúde, educação, habitação, infraestrutura, enfim, no que é mais importante para promover o bem-estar de nosso povo.

Foram mais de onze meses de negociações duras e demoradas, minha gente.

Mas, valeu a pena.

Chegamos a um acordo em que o peso da dívida foi reduzido e seus custos foram mais bem divididos entre nós e os nossos credores.

O fundamental é que os pagamentos que agora vamos fazer estarão ajustados às nossas possibilidades.

Isso vai ajudar-nos a voltar a crescer de forma sadia, sem inflação.

“Ganhamos
liberdade,
possibilidades
renovadas”

Quero mostrar concretamente os benefícios que obtivemos.

Em suas linhas gerais, o acordo que foi fechado prevê seis mecanismos alternativos. Mas os bancos tenderão a concentrar-se em duas opções que apresentam avanços importantes para nós.

Na primeira, poderão preferir ter nossa dívida a juros de mercado.

Nesse caso, a contrapartida é que serão obrigados a oferecer-nos um abatimento em nossa dívida de 35%.

Em uma dívida de 44 bilhões de dólares, caso todos os bancos optem por essa primeira alternativa, nossa dívida seria reduzida, pura e simplesmente, em nada menos que 15,4 bilhões de dólares.

Dinheiro que deixa de ser mandado para fora, para ser aplicado em proveito direto de nossa gente.

Na segunda opção, caso os bancos não concordem com esse desconto de 35%, eles se comprometem a aceitar uma taxa de juros fixa em torno de 6% ao ano, e ainda fazer uma redução desses juros nos próximos 7 anos.

Com isso, caso o mercado internacional volte a ter taxas, como já aconteceu no passado, de até 19% ao ano, o risco é todo deles, pois nós estaremos protegidos por aquele teto máximo de 6% ao ano.

São trinta anos de tranquilidade na área cambial, com uma vantagem adicional: só teremos que pagar os juros, pois 100% do principal devido no fim daquele período serão saldados por meio da entrega dos próprios títulos que agora estão sendo oferecidos como garantia.

Ganhamos, assim, um tempo precioso para arrumar nossa casa, podendo distribuir de forma estável e previsível nossos pagamentos.

Até hoje nenhum outro país havia negociado um acordo tão inovador.

E as condições que conseguimos são melhores das que as

obtidas por qualquer outro país em suas negociações.

Isso reflete a confiança da comunidade internacional no futuro de nossa economia.

As é preciso dizer que, mesmo antes de fecharmos o acordo hoje, o Brasil já estava retornando ao mercado internacional de créditos.

Nenhum país
havia negociado
acordo tão
inovador

Números são claros.

Quanto em 1990 os recursos vieram do exterior foram 5,3 bilhões de dólares, em 91, saltaram para 11,6 bilhões de dólares e, neste ano, em 92, apenas nos primeiros meses, já tínhamos recebido 6,2 bilhões de dólares.

Dois do acordo, esse número crescerá ainda mais, o que significa novos investimentos, novos empregos e, portanto, mais desenvolvimento.

Ao confiar reconquistada a confiança de nossa comunidade internacional, é possível buscar uma integração econômica, competitiva e soberana na economia internacional.

Não duvidem, o tempo não passará sem que o Brasil não possa viver isolado: desenvolvimento significa integração, participação, par-

cerias econômicas ativas.

Com a normalização definitiva de nossas relações financeiras com o resto do mundo, o Brasil afasta de vez esse risco de isolamento.

Agora, o caminho é perseverar na busca do ajuste interno; tenho certeza de que as mudanças que estamos fazendo para modernizar nossa economia vão obter o mesmo sucesso.

E as medidas para reconstruir o Brasil estão sendo tomadas, como todos sabem, com coragem e visão de futuro.

O próximo grande passo é o ajuste fiscal, que vai dar um novo impulso para o crescimento econômico e permitir que o Estado cumpra sua função de servir ao povo da forma mais eficaz e concreta.

Minha gente, A democracia é uma conquista irreversível dos brasileiros.

As instituições funcionam com total normalidade e permitem que acordos como o da dívida externa, que perseguíamos há mais de uma década de incertezas, possam ser alcançados.

Com confiança e muito trabalho haveremos de superar e esgotar todos os problemas políticos com que alguns pretendiam imobilizar o seu, o nosso Governo, e não conseguiram, nem irão conseguir.

Os rumos estão traçados; o povo brasileiro sabe o que quer: um Brasil moderno, dinâmico e socialmente justo.

Hoje, demos mais um passo para conquistá-lo.

Nada haverá de nos desviar desse caminho.

Deus haverá de nos ajudar!